

COMENTÁRIO
EXEGÉTICO

GENE
L. GREEN

JUDAS E 2 PEDRO

Sumário

<i>Prefácio da série Comentário Exegético</i>	xi
<i>Prefácio da série [original]</i>	xv
<i>Prefácio do autor</i>	xix
<i>Reduções gráficas</i>	xxiii
<i>Transliteração</i>	xxxiii
<i>Mapa</i>	xxxv

Introdução a Judas	1
I. Autoria de Judas	1
II. Judas e seu círculo	11
III. Data de escrita	20
IV. Motivo da escrita	21
V. Judas e a literatura pseudepigráfica	32
VI. Gênero literário e estrutura	40

Texto e comentário	52
I. Saudação epistolar (1-2)	52
A. Autor: Judas (1a)	53
B. Destinatários: os chamados (1b)	57
C. Oração-desejo de misericórdia, paz e amor (2)	60
II. Corpo da carta: exortação a lutar pela fé (3-23)	63
A. Apresentação do propósito de Judas ao escrever: uma exortação aos amados (3-4)	65

1. Propósito original: escrever sobre a segurança comum deles (3a).....	66
2. Novo propósito: exortá-los a lutar pela fé (3b).....	69
3. Razão para a mudança: a infiltração de pessoas ímpias (4).....	72
B. Um chamado a lembrar-se: predições sobre os hereges e o seu cumprimento (5-19)	77
1. “Quero que vocês se lembrem”: texto e comentário (5-8).....	78
a. Texto: Êxodo, anjos e Sodoma e Gomorra (5-7)	79
b. Comentário: esses são sonhadores que contaminam a carne, rejeitam a autoridade e difamam as glórias (8)	92
2. Segundo texto e comentário (9-10)	98
a. Texto: Miguel não blasfemou contra o Diabo (9).....	98
b. Comentário: esses blasfemam contra o que não entendem (10)	104
3. Terceiro texto e comentário (11-13)	107
a. Texto: o caminho de Caim, o engano de Balaão e a rebelião de Corá (11).....	108
b. Comentário: esses são máculas nas refeições comunitárias, nuvens sem água, árvores sem frutos, ondas bravias do mar e estrelas errantes (12-13)	114
4. Quarto texto e comentário (14-16).....	123
a. Texto: a profecia de Enoque (14-15).....	124
b. Comentário: esses são queixosos, descontentes e bajuladores arrogantes (16).....	131
5. “Lembrem-se”: texto e comentário (17-19).....	136
a. Texto: a profecia apostólica (17-18).....	137
b. Comentário: esses são pessoas que causam divisões (19)	142
C. Exortações aos amados (20-23)	144
1. Mantenham-se no amor de Deus (20-21)	145
2. Salvem alguns do fogo; tenham misericórdia dos outros que contestam (22-23)	151
III. Doxologia final (24-25)	158

Introdução a 2Pedro.....	168
I. Autoria de 2Pedro	168
II. 2Pedro na igreja antiga.....	169
III. Avaliação contemporânea da autenticidade de 2Pedro	174
IV. Os oponentes em 2Pedro.....	182
V. A relação entre 2Pedro e Judas	191
VI. Gênero literário e estrutura.....	196
 Texto e comentário	 205
I. Saudação epistolar (1.1-2).....	205
A. Autor: Simeão Pedro (1.1a).....	207
B. Destinatários: aqueles que receberam uma fé tão honrada quanto a nossa (1.1b)	210
C. Oração-desejo por graça e paz (1.2)	213
II. Corpo da carta: advertência contra os falsos mestres (1.3—3.18a)....	216
A. Início do corpo: o chamado de Deus para a glória e a virtude (1.3-11).....	218
1. Poder e promessas divinos para a vida e o dever (1.3-4).....	221
2. Um apelo urgente para crescer em virtude (1.5-11).....	230
B. Meio do corpo: o testemunho apostólico e os falsos mestres (1.12—2.22)	250
1. Um chamado a lembrar-se (1.12-21).....	252
a. A ocasião de lembrar-se: a despedida de Pedro (1.12-15)	253
b. O conteúdo de lembrar-se (1.16-21).....	263
i. A visão da transfiguração (1.16-18)	264
ii. A palavra profética (1.19-21).....	275
2. A vinda e a condenação dos falsos mestres (2.1-22).....	285
a. A ascensão e a condenação dos falsos mestres entre você (2.1-3).....	286
b. Pecadores do passado e sua condenação (2.4-10a).....	300
i. Os anjos (2.4)	301
ii. O mundo antigo (2.5)	304
iii. Sodoma e Gomorra (2.6-10a)	308

c. “Esses são” — as perversões dos falsos mestres (2.10b-16)	325
d. “Esses são” — a sedução dos falsos mestres (2.17-22)	351
C. Conclusão do corpo: um chamado à santidade (3.1-18a)	372
1. Um chamado a lembrar-se do ensino profético e apostólico (3.1-2)	374
2. Entendam isto: os escarnecedores do último dia (3.3-7)	380
3. Não ignorem isto: um dia é como mil anos (3.8-10)	392
4. Uma vez que todas essas coisas passarão: vivendo à luz do fim (3.11-13)	401
5. Enquanto esperam essas coisas: diligência para ser encontrado irrepreensível (3.14-18a)	406
III. Conclusão da carta: uma doxologia (3.18b)	415
<i>Bibliografia</i>	417
<i>Índice remissivo</i>	463
<i>Índice de palavras gregas</i>	479
<i>Índice de passagens bíblicas e de outros escritos antigos</i>	481

Prefácio da série *Comentário Exegético*

Conforme narrado no livro de Atos, o encontro entre Filipe e o eunuco etíope na estrada de Jerusalém a Gaza foi obra do Senhor (At 8.26-39). Esse etíope trazia consigo uma cópia de pelo menos parte das Escrituras e estava lendo o livro do profeta Isaías. Ao ouvi-lo ler, Filipe indagou: “O senhor entende o que está lendo?” (At 8.30).

Ao escrever um comentário, é difícil almejar propósito mais premente do que este: *achegar-se ao leitor das Escrituras para conduzi-lo à compreensão do significado do que lê* — e fazê-lo de modo não apenas informativo, mas também transformador. Esse é o objetivo da série *Comentário Exegético*, de Edições Vida Nova. Seu trabalho interpretativo não pode ter melhor razão para existir nem melhor objetivo. Serve ao propósito de conduzir o leitor à interpretação precisa do texto das Escrituras, além de proporcionar um meio de confirmação e validação das interpretações às quais seu estudante tenha chegado no processo hermenêutico e exegético, visando à aplicação pessoal ou à exposição da mensagem escrita. Isso porque vivemos em um mundo caído e aflito que precisa de direção. Precisa, portanto, da Palavra de Deus.

Contudo, o caminho da leitura à prática nem sempre é direto e rápido. Para compreender o texto bíblico, são necessárias boas ferramentas, e, entre as mais úteis, estão os comentários bíblicos. Existem vários tipos de comentários. Os que integram a série *Comentário Exegético* são daqueles que se aprofundam na compreensão do texto original da Bíblia por meio de uma exegese detalhada, justamente com o propósito de levar o leitor das Escrituras à prática da vontade de Deus.

Assim, os comentários dessa série apresentam as seguintes características:

- aliam profundidade acadêmica e facilidade de leitura;
- atendem às necessidades de pastores e demais pregadores da Palavra inspirada;

- são compreensíveis ao leigo interessado no conhecimento mais profundo das Escrituras;
- são minuciosos no tratamento de cada texto, sem exagerar nos detalhes;
- tratam a exegese não como um fim em si mesma, mas como recurso para a compreensão do todo;
- apresentam os aspectos das línguas originais de forma acessível;
- têm por objetivo entender cada perícopo em seu contexto, associando cada passagem ao que vem antes e depois;
- reúnem autores de uma tradição teológica conservadora e são oriundos de diversas orientações dentro do universo evangélico;
- buscam representar o texto original de modo apurado, claro e que faça sentido para o leitor de hoje.

Além dessas características, há aspectos que diferenciam os comentários que compõem essa série.

Primeiramente, e acima de tudo, eles se ocupam *do texto* das Escrituras. Isso não significa que não deem atenção ao longo desenvolvimento das pesquisas sobre as Escrituras e ao debate acadêmico. Significa, sim, que se esforçam em apresentar um comentário *do texto*, não do debate acadêmico. Portanto, o resultado central e principal desse trabalho é um guia de fácil leitura, reservando para as notas de rodapé (ou notas adicionais no final de cada seção) a interação com as questões críticas e a respectiva literatura técnica. Ocupar-se, porém, do texto das Escrituras não significa que a série tenha evitado certos métodos críticos ou exigido que cada autor siga uma abordagem definida. Em vez disso, foram adotadas as abordagens e os métodos necessários, sempre norteados pelo propósito maior de ajudar cada autor na tarefa de deixar claro o significado desses textos.

Em segundo lugar, os autores da série identificam-se conscientemente como seguidores de Cristo que leem as Escrituras a serviço da igreja e de sua missão no mundo. Ler as Escrituras dessa forma não significa garantir algum tipo específico de interpretação. Significa entender que, na história da interpretação, há épocas em que as Escrituras trazem uma palavra necessária de confronto, chamando o povo de Deus de volta à sua vocação. Já em outras ocasiões, as Escrituras oferecem uma palavra de consolo, lembrando o povo de Deus de sua identidade, de que ele segue um Messias crucificado e serve a um Deus que vindicará os caminhos dele e de seu povo.

A terceira característica que distingue essa série é o fato de seus comentários reconhecerem que nossa leitura das Escrituras não pode estar descolada da realidade do mundo em favor do qual a igreja cumpre sua missão, pois,

como C. S. Lewis assinalou, com razão, em seu conto *O sobrinho do mago*, “o que você ouve e vê depende do lugar em que se coloca”.¹ Esse lugar é o mundo em que estamos, o qual nos pressiona com perguntas que não deixam de instruir nosso trabalho de interpretação. Assim, não basta expor o que Deus disse outrora, uma vez que precisamos ouvir vezes sem conta aquilo que o Espírito, por meio das Escrituras, está dizendo à igreja hoje. Por conseguinte, precisamos examinar o significado teológico daquilo que lemos e como essa mensagem pode fincar pé no coração das pessoas.

Por último, a série *Comentário Exegético* foi elaborada mediante a seleção de volumes oriundos de algumas das melhores e mais atualizadas séries de comentários produzidas em língua inglesa. São obras que se situam em um ponto intermediário entre comentários mais críticos e acadêmicos — que incluem, por exemplo, citações não traduzidas do grego, do aramaico ou do latim — e comentários homiléticos —, os quais tentam expor de maneira clara como um texto das Escrituras pode ser transmitido, em forma de ensino ou pregação, à igreja reunida.

Nossa esperança é que aqueles que estão se preparando para ensinar e pregar a Palavra de Deus encontrem nestas páginas a orientação de que precisam. E que aqueles que estão aprendendo a fazer exegese encontrem aqui um exemplo a ser seguido.

É com imensa satisfação, portanto, que disponibilizamos à igreja brasileira essa preciosa série de comentários bíblicos.

¹ *As crônicas de Nárnia* (São Paulo: Martins Fontes, 2009), livro 1: *O sobrinho do mago*.

Prefácio da série [original]¹

O objetivo principal da série Baker Exegetical Commentary on the New Testament (BECNT) é fornecer, fundamentados no pensamento evangélico instruído e confiável, comentários que combinem profundidade acadêmica com facilidade de leitura, detalhes exegeticos com sensibilidade diante do todo, atenção aos problemas críticos com consciência teológica. Portanto, esperamos atrair o interesse de um público bem amplo, desde o acadêmico que procura uma análise bem elaborada e independente até o leigo que está em busca de uma exposição sólida, porém acessível.

Um grande propósito, no entanto, é atender às necessidades de pastores e demais pessoas envolvidas com a pregação e a exposição das Escrituras como a Palavra de Deus inspirada de modo singular. Essa ponderação influencia diretamente os parâmetros da série. Por exemplo, os pregadores da Bíblia que trabalham com seriedade não podem se dar ao luxo de depender de tratamentos superficiais que fujam de questões difíceis, mas também não estão interessados em comentários do tamanho de uma enciclopédia que busquem abranger todos os problemas possíveis e imagináveis. Portanto, nosso alvo é nos concentrar nos problemas que influenciam diretamente o sentido do texto (embora certos detalhes técnicos sejam tratados nas notas adicionais).

De modo semelhante, procuramos evitar questões exegeticas como um fim em si mesmas, ou seja, em relativo isolamento do argumento na íntegra. Essa postura pode acarretar (segundo a opção de cada colaborador) o abandono de uma abordagem versículo por versículo em favor de uma exposição que se concentra no parágrafo como unidade de pensamento principal. Em todos os casos, porém, os comentários darão destaque à evolução do argumento e

¹Prefácio dos editores da série original (Baker Exegetical Commentary on the New Testament), da qual extraímos o volume de Judas e 2Pedro para a nossa série *Comentário Exegético*. Deixamos o prefácio aqui para que o leitor conheça a perspectiva teológica dos organizadores da série original.

conectarão explicitamente cada passagem ao que vem antes e depois, de modo que sua função no contexto seja identificada com a maior clareza possível.

Acreditamos sobretudo que um comentário exegético respeitável deva levar muito a sério as mais recentes pesquisas acadêmicas, quaisquer que sejam suas origens. A tentativa de agir assim no contexto de uma tradição teológica conservadora apresenta certos desafios e, no passado, os resultados nem sempre foram louváveis. Em alguns casos, os evangélicos parecem fazer uso dos estudos críticos não para estabelecer uma interação genuína com eles, mas somente para desacreditá-los. Em outros casos, a interação desce ao nível da assimilação, os distintivos teológicos são suprimidos ou desprezados e o produto final não pode ser diferenciado das obras que nascem de premissas fundamentalmente diferentes.

Os colaboradores desta série procuram evitar essas armadilhas. Por um lado, eles não consideram sacrossantas as opiniões tradicionais e estão empenhados em fazer justiça ao texto bíblico, quer haja apoio a tais opiniões, quer não. Por outro lado, se há evidências suficientes que favoreçam essas opiniões mais tradicionais, eles não se apressam para adotar teorias mais recentes pelo simples prazer de adotá-las. Acima de tudo, os colaboradores afirmam a unidade essencial das Escrituras e creem serem elas dignas de crédito. Eles também creem que as formulações históricas das doutrinas cristãs, tais como os credos ecumênicos e muitos documentos que tiveram origem na Reforma do século 16, surgiram de uma leitura coerente das Escrituras, proporcionando assim uma plataforma adequada para interpretações posteriores. Não há dúvida de que um ponto de partida como esse às vezes resulta na imposição de um conceito estranho ao texto, mas não necessariamente precisa fazê-lo, ou que os autores que alegam trabalhar com o texto sem ideias preconcebidas estejam imunes ao mesmo risco.

Portanto, não achamos que os pressupostos teológicos — dos quais nenhum comentarista está isento — sejam obstáculos à interpretação da Bíblia. Ao contrário, um exegeta que espere entender o apóstolo Paulo num vácuo teológico também deve tentar interpretar Aristóteles sem levar em conta a textura filosófica de toda a sua obra ou sem recorrer àquelas categorias filosóficas subsequentes que possibilitam a contextualização significativa de seu pensamento. No entanto, é preciso ressaltar que os colaboradores desta série procedem de variadas tradições teológicas e nem todos propõem visões idênticas no que tange à implementação apropriada desses princípios gerais. No final das contas, o que realmente importa é se a série consegue representar o texto original de modo apurado, claro e que faça sentido para o leitor de hoje.

Para facilitar ao leitor a localização de partes que se destacam no tratamento de cada passagem, algumas seções foram sombreadas: os comentários introdutórios, a discussão da estrutura e uma barra indicando o resumo final. As variantes textuais no texto grego são sinalizadas na tradução do autor por meio de chaves em torno da palavra ou expressão em questão (e.g., 'gerase-nos'), indicando assim que o leitor deve ir às notas adicionais no final de cada unidade exegética, nas quais encontrará uma discussão do problema textual. As referências bibliográficas empregam o método de autor e data, consistindo em sobrenome do autor + ano + número(s) da(s) página(s): Fitzmyer 1981: 297. As exceções são as bem conhecidas siglas de obras de referência (e.g., BAGD, LSJ, *TDNT*). No final de cada volume, podem-se encontrar todos os dados das publicações e os índices remissivos.

ROBERT W. YARBROUGH

ROBERT H. STEIN

Prefácio do autor

Baker Exegetical Commentary on the New Testament é uma série projetada para envolver eruditos, bem como pastores e outros que pregam e fazem exposição das Escrituras. Também convida cristãos leigos a participar da análise dos livros do Novo Testamento. Diante desses objetivos, escrever sobre Judas e 2Pedro é uma tarefa intimidadora. Entre os estudiosos, Judas e 2Pedro têm estado à margem. As questões críticas de autoria, destinatários e ambiente estão presentes em qualquer análise acadêmica dessas cartas. Judas foi rotulado de o livro “mais negligenciado” do Novo Testamento (Rowston 1975). Jack Elliott, certa vez, chamou 1Pedro de “enteado exegetico” (J. H. Elliott 1976), deixando-nos o questionamento sobre o *status* familiar de 2Pedro. Um colega certa vez comentou que essas epístolas dificilmente estão no centro do cânon. Na igreja, essa situação não é muito melhor. Muitas vezes, ouvimos a doxologia de Judas (v. 24–25), e apelos são feitos a 2Pedro 1.21 em conversas sobre a inspiração. No entanto, poucos sermões situam seus fundamentos nesses livros, e os conteúdos abordados na igreja raramente incluem a análise deles. Cristãos leigos podem saber que há alguma relação entre Judas e 2Pedro, mas poucos escolhem essas epístolas como textos para um estudo bíblico ou leitura. Essas epístolas são difíceis de interpretar e apresentam desafios singulares, como a citação de *1Enoque* por Judas e a predominância de uma linguagem dura sobre o juízo ao longo das cartas.

No entanto, o interesse por esses livros está aumentando, e o estudo deles está experimentando um reavivamento. Diversos comentários foram publicados desde a obra monumental de Bauckham (Bauckham 1983),¹ e mais obras estão sendo produzidas. No encontro anual da Society of Biblical Literature [Sociedade de Literatura Bíblica], um novo encontro foi instituído, denominado de “Reavaliações metodológicas das Cartas de Tiago, Pedro e Judas”.

¹Infelizmente, os comentários de Davids (2006) e Reese (2007) foram publicados tarde demais para serem incluídos na minha análise dessas cartas.

O encontro, em 2007, concentrou-se em 2Pedro e Judas. Além disso, esses livros dos “pilares de Jerusalém” estão se movendo das margens em direção ao centro à medida que seu significado canônico está sendo reexaminado (Nienhuis 2007). Este comentário faz parte desse movimento de reavaliação da mensagem desses livros na esperança de que encontrem um lugar mais importante na vida da igreja. Seu valor é muito maior do que sua negligência sugeriria. Mover-se para além das avaliações negativas que receberam e penetrar em uma compreensão mais positiva, completa e nuançada de sua mensagem nos ajudará a entender mais claramente a forma da fé cristã dos primórdios e a nossa. As coisas que são “difíceis de entender” (2Pe 3.15) não se limitam aos escritos de Paulo, mas as dificuldades dessas cartas não diminuem o valor delas.

A preocupação especial deste comentário é ler e interpretar essas cartas nos respectivos contextos culturais e históricos. As preocupações contextuais não são secundárias a qualquer comunicação, seja oral, seja escrita. Entender de modo equivocado as informações contextuais apropriadas pode distorcer nossa compreensão da mensagem transmitida. Essa tarefa já é bastante difícil quando as pessoas vivem na mesma época em uma cultura comum, mas, quando procuramos atravessar a ponte do tempo, do espaço e da cultura para ouvir um autor antigo, ela se torna extremamente intimidadora. Ler e interpretar as Cartas de Judas e 2Pedro em seus contextos é especialmente problemático em decorrência da dificuldade de identificar tanto os autores quanto os leitores. A análise de Judas e 2Pedro neste comentário procura levar em conta a inter-relação da cultura judaica e helenística na qual essas epístolas estão inseridas. Elas representam um diálogo com a herança judaica, bem como com as realidades filosóficas e sociais mais amplas da vida em torno do Mediterrâneo oriental. Além disso, esta exposição tenta interpretar o todo da história e cada parte dela à luz do todo. A análise é detalhada, mas a situação integral dos leitores é mantida em vista, e o teor geral da mensagem permanece claramente visível.

O comentário também aborda questões interpretativas complexas na tentativa de levar a análise adiante. As questões de autoria, a natureza da relação entre as cartas e o uso da literatura pseudepigráfica recebem a devida atenção, embora sem ilusão alguma de que todos os leitores ficarão satisfeitos com minhas conclusões. Por fim, as preocupações teológicas das cartas são tecidas com as análises contextuais e históricas. Teologia e história podem e devem ser analisadas juntas, não bifurcadas em domínios distintos.

Como em qualquer obra desse tipo, um grupo de pessoas contribuiu para a sua produção de forma muito significativa. Minha esposa, Deborah, e minha filha, Christiana, mais uma vez viajaram comigo para Cambridge, na Inglaterra, onde escrevi a maior parte do comentário. Deborah trabalhou como

parteira para o Serviço Nacional de Saúde e manteve nossa base financeira firme durante nossa permanência no exterior, além de atuar como uma constante incentivadora. Christiana estava disposta a ser desarraigada do ensino médio para frequentar o The Leys e abraçou seu novo ambiente educacional com grande prazer e êxito. Este trabalho nunca teria sido realizado sem a ajuda e o sacrifício dessas mulheres maravilhosas.

Também preciso agradecer a todos os funcionários da Tyndale House, em Cambridge, que forneceram grande apoio logístico. Bruce Winter, o ex-diretor; Elizabeth Magba, bibliotecária; assim como David Instone-Brewer, David Baker, Tania Raiola e Fiona Craig, que trabalharam juntos para criar um ambiente ideal para a pesquisa. A finalização deste comentário ocorreu na Buswell Memorial Library do Wheaton College. Obrigado a Lisa Richmond, bibliotecária, e especialmente a Greg Morrison por suprir minhas necessidades enquanto passava longos dias de verão na biblioteca Buswell. O Wheaton College me concedeu uma licença sabática, e uma bolsa da Associação de Ex-Alunos ajudou a financiar essa pesquisa. Sem essa generosidade, este projeto não teria se tornado realidade.

Várias pessoas trabalharam diretamente comigo na produção deste comentário, e eu devo a elas muitos agradecimentos. Meu assistente, Christopher Hays, trabalhou incansavelmente na busca de literatura pertinente, verificando todas as referências do livro, fazendo a primeira edição e dialogando comigo sobre o conteúdo. Desse trabalho saiu seu primeiro artigo publicado (Hays 2004), a promessa de que coisas boas estão por vir de um excelente acadêmico. Quando este projeto foi iniciado, Peter Spychalla se empenhou na coleta de informações bibliográficas. Também sou muito grato pelo trabalho editorial de Bob Yarbrough, um dos editores gerais desta série, e Wells Turner, da Baker Academic. Suas observações cuidadosas, perguntas perspicazes e sugestões sábias aumentaram a qualidade deste livro.

Enquanto escrevia este comentário, tive a oportunidade de lecionar uma disciplina no Wheaton College sobre as Epístolas Petrinas e Judas. Arriscando-me um pouco, encorajei os alunos em sua escrita para a disciplina ao afirmar que incluiria uma parte da melhor monografia no comentário. A qualidade das monografias foi muito boa, embora um pouco desigual. No entanto, uma se destacou muito acima das demais, a de Rachel Griego. Rachel estudava Psicologia na faculdade, amava a vida e os amigos e também tocava flauta muito bem. Sua monografia é uma pesquisa brilhante e perspicaz, mostrando que ela era uma leitora cuidadosa de textos, uma pensadora crítica e uma escritora criativa. Como prometido, sua monografia está incluída neste volume. Infelizmente, ela não sobreviveu para ver a publicação deste livro.

Rachel morreu em um acidente automobilístico em 2005. Ela faz muita falta para a família, os amigos e os professores, mas sua voz e seu exemplo continuam inspirando. Rachel foi uma das muitas estudantes que conheci, ao longo dos anos, que vêm à aula com o desejo de aprender a mensagem das Escrituras. Ela era uma jovem intérprete modelo que levava a sério o estudo cuidadoso e às vezes trabalhoso do Novo Testamento. Ela se destacou e ainda é um modelo do tipo de engajamento que todos os estudantes das Escrituras podem e devem ter. Raquel era quieta em sala de aula, mas sua mente era estimulada pelos textos que lemos juntos. Este comentário é dedicado a Rachel, uma fiel e exemplar estudante das Escrituras.

GENE L. GREEN

Introdução a Judas

I. Autoria de Judas

De acordo com as convenções normais da antiga escrita de cartas greco-romanas e semíticas, a Carta de Judas começa nomeando o autor de “Judas” (Ιούδας, *Ioudas*).¹ A primeira linha da carta também inclui qualificadores que permitem aos leitores da carta identificá-lo com mais precisão. Ele se autodenomina “escravo de Jesus Cristo e irmão de Tiago” (Ἰησοῦ Χριστοῦ δοῦλος, ἀδελφὸς δὲ Ἰακώβου, *Iēsou Christou doulos, adelphos de Iakōbou*). A primeira razão pela qual o autor precisaria incluir essa identificação adicional seria fazer distinção dos muitos outros que atendiam pelo nome de “Judas”. Em sua relação de nomes conhecidos da Palestina, Ilan (2002: 112–25) registra 179 ocorrências do nome יהודה (Y^hhûdâ, Judá), que é transliterado para o grego como Ἰούδας.² “Judas” era um nome hebraico muito comum por causa de suas raízes patriarcais (Mt 1.2–3) e tribais (Mt 2.6). O autor é judeu, já que, na literatura e nas inscrições antigas, “Judas” nunca aparece como nome de um gentio. Ἰούδας é traduzido por Judas, Judá e Judeia (Lc 1.39), algo que às vezes surpreende os leitores da Bíblia em inglês [ou português].

No NT, o nome Ἰούδας é usado 45 vezes, às vezes como o nome tribal Judá (Mt 2.6; Hb 7.14; 8.8; Ap 5.5; 7.5) ou como a região da Judeia (Lc 1.39 o usa de modo impreciso referindo-se a toda a Palestina, incluindo a Galileia). Os indivíduos que portam o nome incluem o patriarca Judá, filho de Jacó e pai de Perez e Zerá, encontrado nas genealogias de Jesus (Mt 1.2–3; Lc 3.33–34), junto com Judá, filho de José e pai de Simeão (Lc 3.30). O mais

¹Às vezes, as cartas aramaicas começavam com o nome do destinatário (Fitzmyer 1974b: 221–2; veja tb. Weima 1994: 63–73; Taatz 1991: 105–6).

²Outras grafias da transliteração grega (algumas com declinação) são: Ἰούδης (*Ioudēs*), Ἰούδα (*Iouda*), Ἰούδον (*Ioudon*), Ἰούδατος (*Ioudatos*), Ἰωύδου (*Iōydou*), Ἰουδίου (*Ioudiou*), Ἰοδίου (*Iodiou*), Ἰουδαῖος (*Ioudaios*), Ἰεδδοῦν (*Ieddoun*) e, possivelmente, Ἰαύδα (*Iauda*).

famoso Ἰουδᾶς no NT é Judas Iscariotes (Mt 10.4; 26.14,25,47; 27.3; Mc 3.19; 14.10,43; Lc 6.16; 22.3,47,48; Jo 6.71; 12.4; 13.2,26,29; 18.2-3,5; At 1.16,25). Os outros são o revolucionário Judas, o Galileu (At 5.37; Josefo, *G. j.* 2.17.8 §433; *Ant.* 18.1.1 §§1-10; 18.1.6 §23); Judas de Damasco, em cuja casa Saulo se hospedou (At 9.11); e Judas chamado Barsabás, um profeta de Jerusalém da igreja antiga (At 15.22,27,32). Apenas os dois últimos são possíveis candidatos à autoria, mas é improvável que qualquer um deles tenha escrito o livro, já que o autor se autodenomina “irmão de Tiago”. Outro dos Doze também é chamado de Judas, “filho de Tiago” (Lc 6.16; Jo 14.22; At 1.13). No entanto, esse apóstolo não poderia ser o autor do livro, pois era filho de um homem chamado Tiago e não seu irmão.

“Judas [...] o irmão de Tiago” provavelmente é a mesma pessoa mencionada, junto com Tiago, como um dos irmãos de Jesus (Mt 13.55; Mc 6.3). O fato de Judas ser nomeado no final da lista dos irmãos de Jesus junto com Simão pode indicar que ele era o mais novo ou o segundo mais novo homem da família (as irmãs de Jesus também são mencionadas em Mc 6.3, sem qualquer indicação da quantidade ou do nome delas). Em várias ocasiões dos Evangelhos e de Atos, é feita referência aos irmãos de Jesus (Mc 3.32, como seus “irmãos e irmãs”; Jo 7.3,5,10, com uma nota de que eles não creram em Jesus durante seu ministério; At 1.14, reunidos com os discípulos antes de Pentecostes). Às vezes, afirma-se que esses membros da família estão na companhia de Maria (Mt 12.46; At 1.14), sugerindo a morte anterior de seu pai, José. Os “irmãos do Senhor” eram amplamente conhecidos na igreja antiga, ao lado dos apóstolos, e, ao que tudo indica, se engajaram na atividade missionária (1Co 9.5).

Uma vez que Judas menciona Tiago sem qualificação adicional, provavelmente devemos identificá-lo com “o irmão do Senhor”, um dos “pilares” da igreja de Jerusalém (Gl 2.9; veja tb. Bauckham, 1995a). Segundo Paulo, ele foi testemunha da ressurreição (1Co 15.7) e se tornou o líder principal da igreja de Jerusalém depois que Pedro “foi para outro lugar” (At 12.17).³ Tiago aparece como o chefe da igreja tanto na época do Concílio de Jerusalém (At 15.13; veja tb. Gl 2.12) quanto na época em que Paulo retornou a Jerusalém depois de suas viagens missionárias (At 21.18). Tiago havia se tornado uma figura tão proeminente na igreja antiga que, na carta que leva seu nome, ele é simplesmente identificado como “Tiago, escravo de Deus e do Senhor Jesus Cristo” (Tg 1.1). Levando em conta a proeminência de Tiago, o menos

³Após ser liberto da prisão, Pedro foi à casa de Maria, mãe de João Marcos, onde, depois de relatar os acontecimentos de sua libertação, disse: “Contem isso a Tiago e aos irmãos” (At 12.17). Os “irmãos” podem ser os irmãos de Jesus (At 1.14), não o grupo maior dos discípulos.

conhecido Judas facilmente poderia garantir a própria identificação ao se intitular o “irmão de Tiago”. Uma vez que no mundo mediterrâneo a honra é compartilhada entre os membros de uma família (Neyrey 1993: 3-7; Bartchy 1999; Malina 2001: 37-8), a honra atribuída a Tiago como líder da igreja de Jerusalém aumentaria o *status* de Judas diante de seus leitores. Em outras palavras, ao identificar-se como o “irmão de Tiago”, Judas faz uma reivindicação de autoridade que se assemelha às afirmações de Paulo sobre seu apostolado (Gl 1.1), embora a honra e a autoridade familiar de Judas não sejam idênticas ao apostolado.

Havia alguma confusão na igreja antiga em relação à identificação de Judas. Enquanto alguns dos pais da igreja entendiam que se tratava do irmão do Senhor, outros o identificavam com Judas, o apóstolo. Circulou ainda a opinião de que ele era o apóstolo também chamado de Tadeu (Mt 10.3; Mc 3.18). Outros disseram que Judas era um dos outros nomes de Tomé. Em seus *Comentários sobre a Epístola de Judas* (1-4), Clemente de Alexandria não apenas afirma que Judas é irmão do Senhor, mas também comenta a relutância do autor em identificar-se como tal: “Judas, que escreveu a Epístola Católica, irmão dos filhos de José, e muito religioso, embora conhecendo a relação próxima do Senhor, ainda assim não disse que ele próprio era seu irmão. Mas o que ele disse? ‘Judas, servo de Jesus Cristo’, dele como Senhor; mas ‘o irmão de Tiago’. Pois isso é verdade; ele era seu irmão, (o filho) de José”. Jerônimo (*Dos homens ilustres* 4) também comenta que a pessoa que escreveu o livro é “Judas, o irmão de Tiago”.

Em sua análise sobre os irmãos de Jesus, Orígenes confirma essa identificação (*Comentário do Evangelho de Mateus* 10.17). Em contrapartida, Judas às vezes é chamado de “o apóstolo Judas” (Tertuliano, *O vestuário feminino* 1.3; Orígenes, *Sobre poderes opostos* 3.2; Agostinho, *A cidade de Deus* 15.23; 18.38). Na igreja ocidental, esse membro dos Doze (Lc 6.16) era considerado a mesma pessoa que o irmão do Senhor chamado por esse nome (ODCC, p. 907). Beda (Hurst 1985: 241), por sua vez, afirmou que “o apóstolo Judas, a quem Mateus e Marcos em seus Evangelhos chamam de Tadeu, escreve contra os mesmos perversores da fé que tanto Pedro quanto João condenam em suas cartas”. A igreja síria sugeriu outra possibilidade ao misturar ocasionalmente a tradição sobre Judas com a de Tomé, o suposto autor do *Evangelho de Tomé*. Essa obra começa da seguinte maneira: “Esses são os ditos secretos que o Jesus vivo falou e Dídimos Judas Tomé registrou”. Eusébio (*Hist. ecl.* 1.13.10) está ciente dessa tradição e afirma: “A estas epístolas foi acrescentado o seguinte relato na língua siríaca. ‘Depois da ascensão de Jesus, Judas, que também se chamava Tomé, enviou-lhe Tadeu, apóstolo, um dos Setenta’”.

O nome Judas também aparece nas listas de bispos de Jerusalém enumeradas por Eusébio (*Hist. ecl.* 4.5.3) e Epifânio (*Pan.* 66.20.1-2).⁴ Epifânio identifica Judas como o terceiro bispo de Jerusalém, depois de Tiago e Simeão. As *Constituições apostólicas* (7.46) concordam com essa identificação: “Ora, quanto aos bispos que foram ordenados durante a nossa vida, informamos a vocês que são estes: Tiago, bispo de Jerusalém, irmão de nosso Senhor; após a morte do qual o segundo foi Simeão, filho de Cléofas; depois de quem o terceiro foi Judas, filho de Tiago”. Eusébio, entretanto, afirma que o terceiro bispo foi Justo, ainda que concorde que os dois primeiros foram Tiago e Simeão.

É difícil assegurar qual dessas identificações do terceiro bispo é correta. Os nomes de Tiago, Simão e Judas são conhecidos por nós como membros do círculo de irmãos de Jesus. Mas a identificação de Judas pelas *Constituições apostólicas* como o “filho de Tiago” parece associá-lo a Tiago, um dos Doze (Lc 6.16; At 1.13), e Simeão é descrito como filho de Cléofas. No entanto, como a confusão entre Judas, o membro dos Doze, e Judas, o irmão de Jesus, era comum na igreja antiga, ainda podemos presumir que os nomes se referem a parentes de Jesus. Além disso, sob a perspectiva hieronímica (de Jerônimo) da família de Jesus (veja adiante), Simeão era conhecido como filho de Cléofas e primo de Jesus. Em outras palavras, apesar das respectivas identificações na lista episcopal das *Constituições apostólicas*, Tiago, Simeão e Judas ainda podem ser identificados pelo autor desconhecido dessa obra como parentes de Jesus. Tanto Epifânio quanto Eusébio concordam em nomear mais um Judas como o último dos quinze bispos judeus da cidade. É pura especulação que o décimo quinto e último bispo judeu de Jerusalém tenha sido o autor da carta, uma vez que nenhuma evidência bíblica ou da igreja antiga aponta para essa associação. No entanto, nomear Tiago, Simeão e Judas como os primeiros bispos da cidade é outra indicação da maneira pela qual a igreja antiga reconhecia a família de Jesus.

Independentemente de como se entendam as evidências, não podemos extrair delas conclusão alguma sobre a autoria da carta. As evidências internas do NT, no entanto, favorecem identificar Judas como o irmão de Jesus e Tiago, conhecido por nós por meio dos Evangelhos (Mt 13.55; Mc 6.3).

Houve um debate considerável na igreja antiga a respeito dos irmãos de Jesus, se eles eram frutos da união de José e Maria ou se a linhagem familiar deles era diferente. Bauckham (1990: 19-32) resume as três perspectivas que foram defendidas na igreja, cada uma “conhecida pelos nomes dos respectivos

⁴Para uma análise das listas em relação a Judas, veja Bauckham 1990: 70-9.

proponentes durante o século 4, como a perspectiva helvidiana (filhos de José e Maria), a perspectiva epifaniana (filhos de José de seu primeiro casamento) e a perspectiva hieronímica (primos). Na perspectiva hieronímica, Tiago e Judas devem ser identificados como “Tiago, o mais novo, e de José”, filhos de Maria (Mc 15.40), que é “Maria, a esposa de Clopas” (Jo 19.25, NRSV), irmã (ou, mais provavelmente, cunhada) de Maria, mãe de Jesus. Essa perspectiva também identificou Clopas com Alfeu, pai de Tiago, um dos Doze (Mt 10.3; Mc 3.18). No entanto, como Tiago e Judas são mencionados no círculo de relações familiares nucleares (Mt 13.55 — pai/filho, mãe/filho, irmãos/irmãs), a interpretação mais simples seria que eles eram filhos dessa união e, como tais, meios-irmãos de Jesus. Orígenes (*Comentário do Evangelho de Mateus* 10.17) menciona a perspectiva que veio a ser conhecida como epifaniana e explica: “Mas alguns dizem, baseando-se em uma tradição do Evangelho segundo Pedro, como é intitulado, ou ‘O Livro de Tiago’, que os irmãos de Jesus eram filhos de José com uma ex-esposa, com quem ele se casou antes de Maria. Ora, aqueles que dizem isso querem preservar a honra de Maria na virgindade até o fim” (cf. *Protoevangelho de Tiago* 9.8). Embora essa perspectiva seja mais provável do que a hieronímica, ela é menos provável do que a helvidiana. Na melhor das hipóteses, podemos dizer que ela é possível, mas improvável. No entanto, a afirmação de Orígenes de que aqueles que a defendiam o fizeram “para preservar a honra de Maria” deveria ser levada a sério. Essa perspectiva é nitidamente teológica.

A outra questão que tem ocupado tanto os comentaristas antigos quanto os contemporâneos é se Judas é uma obra autêntica ou pseudepigráfica. Escrever sob o nome de outra pessoa era algo bem conhecido e praticado no mundo antigo por diversas razões, incluindo o desejo de obter lucro financeiro, desacreditar as opiniões de um oponente, aumentar a autoridade de um texto de autor desconhecido, ou demonstrar amor por um mestre sob cujo nome se escreve (Baum 2001: 42–8). Judas deveria ser classificado como uma carta pseudepigráfica?

Questões importantes sobre a autenticidade do livro foram levantadas na igreja antiga. Embora a carta tenha sido amplamente aceita no Ocidente e em Alexandria, as igrejas da Síria demoraram a reconhecer sua canonicidade, o que se conforma com a tendência geral das igrejas alexandrina e síria. Enquanto Alexandria adotou uma abordagem “maximalista”, permitindo uma maior variedade de livros no início e, depois, diminuindo a lista, a Síria adotou uma abordagem “minimalista”, o que significava aceitar os 22 livros que eram seguros e, lentamente, admitir outros (Metzger 1987: 284). A antiga versão siríaca do NT do século 4 ou 5, conhecida como Peshitta (ou Peshito), excluía

a Carta de Judas, assim como 2Pedro, 2 e 3João, e Apocalipse (Murdock 1851: 495-6). Entretanto, por fim o livro de Judas foi incluído na edição, do início do século 6, de Filoxeno (507-508 d.C.). Eusébio comentou que Judas era um dos livros “contestados” (*Hist. ecl.* 2.23.25; 3.25.3; 6.13.6; 6.14.1), embora reconhecesse que ele era lido publicamente em muitas igrejas. Orígenes (*Comentário ao Evangelho de João* 19.6) menciona que existiam dúvidas sobre a autenticidade de Judas, mas aparentemente ele não compartilhava delas, já que, em seu *Comentário à Epístola aos Romanos* (3.6), ele cita Judas 6 e classifica o texto como “Escritura Sagrada”. Ele comenta que Judas “escreveu uma carta de poucas linhas, é verdade, mas repleta das poderosas palavras da graça celestial” (*Comentário do Evangelho de Mateus* 10.17).

As dúvidas que surgiram a respeito da autenticidade de Judas podem ser atribuídas principalmente ao uso que a carta faz de *1Enoque* (Jd 14-15). Jerônimo (*Dos homens ilustres* 4), que aceita o livro como autêntico, afirma: “Judas, irmão de Tiago, deixou uma pequena epístola que é contada entre as sete Epístolas Católicas e, visto que nela ele cita o livro apócrifo de Enoque, é rejeitada por muitos. No entanto, pela idade e pelo uso, adquiriu autoridade e é contabilizada entre as Sagradas Escrituras”. Dídimo de Alexandria (séc. 4) também aceitou a Carta de Judas, apesar das fontes que o autor usou. Em oposição ao comentário de Jerônimo em relação àqueles que rejeitaram a carta, a citação foi lida também como uma confirmação de que *1Enoque* deveria ser considerado Escritura, visto que o livro canônico de Judas a cita. Tertuliano apresenta uma análise bastante longa de *1Enoque* em seu *O vestuário feminino*, concluindo seu argumento a favor da aceitação do livro na igreja dizendo: “A essas considerações, adiciona-se o fato de que Enoque tem um testemunho no apóstolo Judas” (*O vestuário feminino* 1.3). Agostinho, por sua vez, admite mais tarde que, ainda que Judas seja canônico, *Enoque* não deveria ser aceito pela igreja. Ele pergunta: “A epístola canônica do apóstolo Judas não declara que ele profetizou?” (*A cidade de Deus* 18.38). Ainda assim, ele conclui a respeito de *Enoque*: “Mas a pureza do cânon não admitiu esses escritos, não porque a autoridade desses homens que agradaram a Deus seja rejeitada, mas porque os textos não são considerados deles” (veja tb. 15.23). Quaisquer dúvidas levantadas sobre a autenticidade de Judas não pareciam encontrar outra questão importante além do uso de fontes apócrifas. O comentário de Jerônimo sobre sua antiguidade e uso aparentemente amplo foi suficiente para garantir o lugar normativo da carta na igreja. Nenhuma voz contundente foi levantada na antiguidade sobre a possibilidade de Judas não haver escrito o livro, embora existisse alguma confusão relacionada à identidade desse Judas.